

A POESIA DE HELENA KOLODY NO CONTEXTO DA LITERATURA DO PARANÁ

Antonio Donizeti da CRUZ (UNIOESTE)¹

RESUMO: Helena Kolody é poeta brasileira, filha de emigrantes ucranianos, nascida em 12 de outubro de 1912, em Cruz Machado, Estado do Paraná – Brasil. Faleceu no dia 14 de fevereiro de 2004, em Curitiba, PR. Com doze livros publicados, várias antologias e obras completas, Kolody realiza um fazer poético enquanto busca da síntese, projetada nas formas escolhidas e no enxugamento dos textos. Os poemas sintéticos, tais como os dísticos, tercetos, quadras, epigramas, tankas e haicais (poesia de origem japonesa), são formas poéticas escolhidas pela poeta. Os temas recorrentes na lírica de Kolody são: o tempo, a solidão, a memória, a efemeridade e permanência, o duplo, a viagem, entre outros. A obra kolodyana apresenta temas e imagens que contribuem para propor (re)significações ao contexto da literatura do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Fazer poético; Helena Kolody; Paraná.

THE POETRY OF HELENA KOLODY IN THE PARANÁ LITERATURE CONTEXT

ABSTRACT: Helena Kolody is a Brazilian poet, daughter of Ukrainian emigrants and was born on October 12th, 1912, in Cruz Machado, state of Paraná. Died on 14th February, 2004, in Curitiba, PR. With twelve published books, a lot of anthologies and complete works, Kolody while realizes a poetic “doing”, looks for the synthesis of her production. She chooses synthetic form poems such as: distiches, tercets, quartets, ephigrams, “tankas and haicais” (Japanese poetry). The recurrent themes into the Kolody’s lyric are: the time; the loneliness; the memory; the transitority; the permanency; the double; the travel among others. The “kolodiana’s work” shows themes and images that contribute to propose (re) significations in Paraná Literature context.

KEYWORDS: Poetry; Poetic “doing”; Helena Kolody; Paraná - Brazil.

A literatura faz parte de uma constelação sincrônica de obras que se interligam tal como o emaranhado de uma rede. Sendo assim, qualquer elemento material que entre no sistema literário transforma-se em função que integra os outros elementos através da construção artística. A literatura está ligada à história. Não é possível entendê-la desvinculada do contexto integral de toda a cultura de uma determinada época.

Para Iuri Tinianov, a história da literatura – que traz à luz o caráter de uma obra literária e dos seus fatores – é como uma espécie de “arqueologia dinâmica”. O autor vê a obra de arte como uma combinação complexa de numerosos fatores. Já os períodos, no desenvolvimento da poesia, ocorrem, evidentemente, segundo uma certa alternância, caracterizando-se ora por prevalecer o aspecto acrítico na criação poética, ora por enfatizar outros componentes do verso, passando a um segundo plano, períodos nos quais prevalece o

¹ Doutor em Letras. Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: donizeti@unioeste.br.

elemento acústico (TINIANOV, 1975). É mediante essa multiplicidade de ocorrências que a literatura se configura no amplo quadro da arte e da vida.

Segundo Mikhail M. Bakhtin, a contemporaneidade conserva sua importância decisiva: sem ela não existiria a obra em si mesma. A obra literária revela-se, principalmente, na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação; mas não se pode aprisioná-la dentro dessa época: sua plenitude apenas mostra-se tão somente na grande temporalidade (BAKHTIN, 1997, p. 366). Consoante ao pensamento de Bakhtin, todo poeta, escritor, criador, por mais criativo que seja, é sempre “fruto” de sua época. A obra literária constitui um processo consecutivo em que as novas formas, por mais inusitadas que sejam, se apoiam nas precedentes.

As afirmativas de Bakhtin revelam a literatura como um fenômeno de múltiplas “faces” e complexo. Muitas vezes os “processos literários” de uma determinada época, com suas análises e estudos de correntes literárias, ficam reduzidos, em alguns trabalhos, a uma visão superficial das correntes literárias; e, quando se trata dos tempos modernos (de maneira particular do século XIX), as “profundas e poderosas” correntes da cultura (em especial, as populares), que efetivamente determinam a obra dos escritores, permanecem ocultas (BAKHTIN, 1997, p. 362-363). Conforme Bakhtin, os críticos, geralmente, se esforçam por explicar um escritor e sua obra a partir de sua contemporaneidade e de seu passado próximo (geralmente inseridos nos limites de “época”). Entretanto, às vezes, é preciso um afastamento no tempo, em relação ao fenômeno estudado, pelo fato de a obra ter, muitas vezes, suas raízes num passado longínquo. As grandes obras literárias preparam-se durante séculos e, na época de sua criação, apenas recolhem os frutos de uma prolongada e complexa gestação. No dizer do autor, a obra não pode sobreviver nos séculos futuros se não recolhe dentro de si, de alguma maneira, também, os séculos passados. Tudo o que pertencer apenas ao presente morre com ele. Bakhtin assinala que Belinski já afirmava em seu tempo sobre o fato de que “cada época sempre descobre algo novo nas grandes obras do passado” (BAKHTIN, 1997, p. 364-365).

O significado da produção literária, a relação do material escrito com sua época, a intemporalidade da obra de arte se imbricam e tomam formas a partir de uma tomada de consciência por parte do artista, fundamentada na questão estética como eixo norteador da relação do eu com o mundo. Nessa perspectiva, a história está interligada à vida e ao fazer poético, uma vez que a produção literária se insere no campo da história literária.

Em relação ao processo histórico da literatura no Paraná, Marilda Binder Samways, em *Introdução à literatura paranaense* (SAMWAYS, 1988), afirma que a bibliografia sobre a matéria historiográfica paranaense é escassa e são poucos os autores, tais como Octávio de Sá Barreto e Erasmo Pilotto, que delinearão uma proposta no que tange à questão do estabelecimento do processo literário no Paraná. Para Samways, *Joaquim* – revista publicada em 1946, pelos diretores Dalton Trevisan, Antônio Walger e Erasmo Pilotto – é o ponto culminante no processo histórico da literatura paranaense. Para a autora, é difícil imaginar a nova geração de escritores paranaenses desconhecendo o papel histórico de Erasmo Pilotto, Dalton Trevisan, Rodrigo Júnior, Helena Kolody e tantos outros construtores da herança cultural paranaense (SAMWAYS, 1988, p. 10-12).

O movimento modernista, em nível nacional, legou à poesia brasileira o verso livre, a “liberdade de linguagem” sem estar presa às regras da gramática e da retórica, o humor, a naturalidade e a sinceridade de expressão, uma maior “humanização” através do aproveitamento lírico do cotidiano. Helena Kolody é uma representante em potencial dessas tendências, uma leitora da tradição brasileira, europeia e oriental e, ainda, uma observadora atenciosa do falar coloquial, das coisas simples, mas essenciais, que, através do verso livre, ganham expressão. Kolody reflete muito sobre a poesia e o fazer poético. Tendo optado pelo verso livre, suas fontes são, todavia, a lírica de Fernando Pessoa, Camões, a poesia de Rabindranath Tagore, a poesia de Cecília Meireles, entre outras produções. A presença do Oriente em sua poesia deve-se, no dizer de Kolody, às suas leituras “prediletas”, em sua juventude, das obras de Tagore. “Talvez aí também esteja a influência do meu sangue eslavo, porque esse pessoal é muito místico. Eu sou de origem ucraniana, mas li mais os orientais do que propriamente os ucranianos. Vejo que a espiritualidade de Tagore me marcou muito”, afirma Kolody (KOLODY *apud* VENTURELLI, 1995, p. 23-24).

Na base da criação kolodyana estão o senso de trabalho poético e a noção de ritmo, entre outros procedimentos. Optar pelo verso livre, no final da década de 30 e início da de 40, quando começa a escrever e publicar, enquanto boa parte da poesia escrita no Paraná se resumia à arte poética metrificada e do soneto, significou para a poeta questionar a rigidez da métrica parnasiana e, ao mesmo tempo, levar adiante as pesquisas da musicalidade e do simbolismo brasileiro. Nesse sentido, nota-se em seus primeiros livros uma maior ênfase na linguagem simbólica. Grandes nomes da poesia modernista brasileira, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Ronald de Carvalho, Mario Quintana, entre outros, iniciaram suas incursões poéticas compondo versos com influências simbolistas. Kolody também vivenciou

essa experiência. Dessa forma, assumir o verso livre foi para ela uma maneira de refletir sobre o que pode haver de trabalho efetivamente poético, ou seja, que vai além das simples resposta à imposição e às regras dos versos metrificados. Afirma Helena Kolody:

Venho de um tempo em que a poesia era rigorosamente metrificada, do tempo do soneto, embora sempre procurando caminhos novos. Hoje, meus versos são polimétricos e, ainda, têm ritmo. Embora não pareça, o verso moderno é muito mais sutil do que o tradicional. Na poesia moderna, os ritmos são livres, nascidos da ideia a expressar-se; o poema tem um ritmo interno, ajustado ao corpo da ideia. Esse modo de versejar não é tão novo como parece. Até os versos da Bíblia são de ritmo leve (KOLODY, 1986, p. 15).

Assim, na obra kolodyana, nota-se uma firme deliberação por parte da poeta em não ficar presa a técnicas precedentes. Os textos de Helena Kolody, estando, muitas vezes, aparentemente calcados no prosaico e no cotidiano, apresentam uma visão de mundo marcada pela aspiração à transcendência.

Paisagem interior é uma obra que se insere na estética modernista; mas nota-se, também, que ela traz marcas daquilo que Fábio Lucas denomina conexão “simbolismo-modernismo”, pois o Modernismo na literatura brasileira “constitui um prolongamento dentro da corrente inovadora da literatura brasileira” (LUCAS *apud* MURICY, 1987, p. 8). Para o crítico Andrade Muricy, o Modernismo, ao engendrar uma ruptura radical com a tradição, impregnou-se de tendências e atitudes espirituais que poderiam ser denominadas de simbolistas: Manuel Bandeira, Henrique Lisboa, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Guilherme de Almeida, em cuja poesia se percebe a musicalidade, a expressão diáfana. Também o “Grupo Festa” se insere no referido quadro, representado pelos escritores Tasso da Silveira, Cecília Meireles, Murilo Araújo e Andrade Muricy, com uma poesia em que sobressai a economia dos meios, os contornos intimistas, a motivação social, entre outros (MURICY, 1987, p. 8).

As primeiras obras de Helena Kolody, tais como *Paisagem interior*, *Música submersa* e *A sombra no rio*, inserem-se na estética modernista com uma temática acentuada pelo registro do cotidiano, as angústias frente à passagem temporal, a valorização do passado, a busca do subconsciente e do inconsciente. A poeta, por conhecer Tasso da Silveira, tem contato com a produção literária do Grupo Festa, liderado pelo referido escritor e poeta. O grupo visava, segundo Bella Josef, “redefinir em termos de reespiritualização, o Modernismo. A poesia passou a ocupar-se dos conflitos interiores do homem, com seus dramas íntimos,

através da obra de Jorge de Lima, Murilo Mendes e Cecília Meireles” (JOSEF, 1986, p. 140).
A autora observa ainda:

Da poesia de Mário de Andrade, com seu elogio do sentimento e do subconsciente, com a valorização do papel desempenhado pela subjetividade na deformação à obra de arte e a poesia contida e reduzida ao essencial de Oswald de Andrade, chegou-se, passando por Carlos Drummond de Andrade na década de 30 à engenharia poética de João Cabral de Melo Neto e à poesia concreta (JOSEF, 1986, p. 140-141).

A concretude do Modernismo no processo histórico, segundo Josef, ocupou um espaço literário acentuado pela visão e adesão ao “hoje”, dando o devido valor à temática do efêmero e do momento presente.

A busca do essencial, na poesia de Kolody, está centrada na questão da transcendência e também na prática poética que visa à síntese. Ao mesmo tempo, em suas produções literárias, verificam-se influências de poetas, de movimentos literários; porém, é importante realçar que a poeta tem realizado uma trajetória poética sem estar ligada a qualquer grupo ou corrente literária.

Para o crítico Hélio C. Teixeira, a mensagem poética de Kolody se apresenta “atual”, com uma linguagem marcada pela “concisão”. “Até mesmo os versos da mocidade da autora já revelam a força de sua sensibilidade e inspiração” (TEIXEIRA, 1977, p. 17). O autor salienta que

A poetisa, tendo recebido influência das diversas escolas ou correntes literárias, teve o talento de adaptar ao seu artesanato o que lhe pareceu o melhor dessa influência. Por isso, observamos, na sua coletânea de produções de várias décadas, os diferentes aspectos de seus nomes, que revelam ser a poetisa algumas vezes clássica e parnasiana, outras vezes, lírica e simbolista; e, diversas vezes, moderna, sem adotar, no entanto, os excessos do modernismo desviado daqueles que deturparam o objetivo do movimento de 1922 (TEIXEIRA, 1977, p. 17).

A respeito de *Sempre palavras*, o escritor Paulo Leminski tece a seguinte opinião em relação à concisão e à síntese poética kolodyana:

A padroeira da poesia em Curitiba acaba de fazer mais um milagre. Chama-se *Sempre palavra*, tem apenas cinquenta páginas e inclui uns quarenta pequenos poemas. Mas tem luz bastante para iluminar esta cidade por todo um ano [...]. Vida. Esse é o assunto de Helena Kolody. Não é à toa que essa nossa mestra de poesia é professora de biologia. Mas tudo isso que eu digo não passaria de uma efusão sentimentalóide, se a poesia de Helena não se sustentasse em nível de linguagem, de *design*, de essência (LEMINSKI, 1985, p. 11, grifos do autor).

Ao se referir à Helena Kolody, Leminski, assinala que “nossa padroeira é o poeta mais moderno de Curitiba, de uma modernidade de quase oitenta anos”:

Quando, em 1941, Helena publica, em Curitiba, as suas próprias custas, a coletânea ‘Paisagem Interior’, seu primeiro buquê de poemas, Bilac ainda é um Deus, o Modernismo de 22 ainda é apenas um escândalo e a poesia só é reconhecível nos trajes de gala do soneto. [...] o rico movimento simbolista [...] presente no Brasil todo, tinha tido em Curitiba o seu centro mais ativo: É Brito Broca quem diz, em 1910, Curitiba era cidade literalmente mais importante do Brasil. Basta ver que oito das quinze revistas do Simbolismo brasileiro foram editadas aqui, entre 1895 e 1915. Mas quando Helena começa a produzir e publicar, esse momento já tinha passado, deixando atrás de si apenas um perfume e uma vibração (LEMINSKI, 1985, p. 11, grifos do autor).

Segundo Leminski, há uma grande aproximação do texto de Helena Kolody com o do gaúcho Mario Quintana, cujo processo refrata “a mesma pureza, a mesma entrega, a mesma singeleza, a mesma santidade. Só que Helena é a mais hai-kai” (LEMINSKI, 1985, p. 11).

Segundo Wilson Martins, Helena Kolody vive o paradoxo de ser, enquanto poeta, uma “figura exponencial das letras paranaense”, sem ter gravado o seu nome e sua obra no quadro mais amplo da literatura brasileira. Isso porque “suas atitudes discretas, alheias às autopromoções e à celebração interessada de grupetos, no que, mais do que qualquer outro, responde ao caráter específico da psicologia local” (MARTINS, 1994, p. 4). Para o crítico, “pelo tom da voz, pela delicadeza dos sentimentos, pela autenticidade lírica e temática”, Kolody é, com certeza, “o poeta representativo” do Paraná não só pela sua “natureza regional, mas também por haver acrescentado a voz do imigrante à temática da poesia brasileira” (MARTINS, 1994, p. 4).

Segundo o escritor Miguel Sanches Neto, Helena Kolody, dentro da literatura paranaense, é a ponte que liga uma sensibilidade mais tradicional e a modernidade. Ela fez, numa literatura sem continuidade como a nossa, e de maneira natural, sem sobressaltos, a passagem da poesia de expressão simbolizante para a atualidade, ocupando, em última análise, o papel de elo na corrente que vai de Emiliano Pernetta a Paulo Leminski, Alice Ruiz e poetas mais jovens. É esse caráter mediador que a torna a imagem da própria poesia paranaense (NETO, 1996). Ainda no dizer de Neto, Helena Kolody é uma “poeta mística”, pois

[...] o seu pensamento vai se concretizar a partir das antinomias: absoluto e precário, eterno e instantâneo, espírito e matéria, sonho e realidade, elevação

e queda. Logicamente, emanando uma concepção mística do universo, ela buscará um caminho de superação do segundo elemento destas antinomias (NETO, 1996, s/p).

Note-se que, mais que situar a produção literária de Kolody dentro de movimentos ou correntes literárias, os críticos observam que a sua poesia não fica presa às regras e modelos estabelecidos, mas vai além, pois sua lírica de uma vertente mais universal se encaminha para a concisão, para a economia dos meios de expressão poética.

A fortuna crítica comprova a maneira como a obra kolodyana é vista no panorama da literatura brasileira. Com uma produção poética considerável, marcada pela brevidade, ela tem trilhado os caminhos da lírica sem estar presa a correntes e movimentos literários.

A poesia de Helena Kolody contém uma vasta intersecção de relações infinitas entre os signos da arte e da vida, sendo sua poesia portadora de momentos singulares, cuja disciplina poética interioriza sentidos de vivências plenas.

Desde *Paisagem interior* (1941), passando por *Reika* (1993), até *Tear de palavras*, que reúne poemas inéditos, a poeta concretiza uma trajetória que se revela em uma poesia participativa e harmoniosa. A opção pela composição das formas breves para expressar um estado de lirismo, como se pode ver em *Paisagem interior* (1941), até alcançar uma aguda consciência sintética, como ocorre na obra *Reika* (1993), efetiva uma construção poética que se concretiza de maneira concisa, com alto grau de lirismo espontâneo, contido numa linguagem lúdica e de encantamento perante a vida e o fazer poético.

Helena Kolody realiza uma escrita em constante processo, que exprime sua maneira de interpretar o mundo. A poesia kolodyana tem o poder de projetar palavras que despertam o leitor para uma observação atenta das coisas mínimas, mas indispensáveis à conjugação dos entes e seres. Ou seja, sua trajetória poética e pessoal é animada pelo sentido de permanência, pois seus textos convertem-se em valores que são capazes de corporificar palavras e imagens que direcionam para uma dialética permanente. A lírica de Kolody converge para o sentido da vida, uma poesia que tem múltiplas facetas, qual um caleidoscópio que a cada movimento modifica a imagem.

Ao observar o conjunto de obra de Kolody, verifica-se a constante condensação e burilamento da linguagem tendo em vista a síntese do poema. Se na década de 40 os poemas kolodyanos se “derramavam em versos longos”, na forma do verso livre e com uma aproximação da linguagem da prosa, esse procedimento justifica-se pelo fato de a poeta estar conjugando uma *poiesis* bem aos moldes do movimento modernista brasileiro. Basta comparar poetas da tradição brasileira dessa década para notar que são procedimentos

estéticos comuns nesse período, tais como o verso livre, a aproximação com a linguagem em prosa, em que se conjuga a regularidade e as variações construtivas dos poemas, tendo em vista os modelos fixos e as formas livres.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, ao se referir à obra *Música submersa*, de Kolody, publicada em 1945, diz que encontrou, “com alegria, poemas como ‘Rio d’água’ e ‘Pereira em flor’, em que à expressão mais simples e discreta se alia uma fina intuição dos ‘imponderável’ poéticos” (ANDRADE, 197-, p. 4, aspas do autor). Essa afirmação é importante, pois Drummond observa na poesia kolodyana a linguagem marcada pela singularidade e pela descrição aliada a um fazer poético em que sobressaem as sutilezas da poesia. Há que se destacar que a *poiesis* kolodyana se estrutura na palavra elaborada com preciso rigor e coerência. Ao realizar uma poesia aparentemente simples, mas portadora de uma essência e de encantamento com a linguagem, Kolody consegue atingir um diversificado público leitor.

Múltiplas são as publicações e opiniões da crítica sobre a poesia de Kolody, sobre as quais faz a seguinte afirmação acerca do incentivo que tem recebido da crítica: “Desde o início encontrei estímulo e apoio, embora os poetas da ‘velha guarda’ daquele tempo lamentassem minha paulatina libertação do metro e da rima. Naquela época ainda imperava o soneto” (KOLODY, 197-, p. 9, grifo da autora.). A poeta salienta ainda que os primeiros incentivos vieram de duas grandes amigas: Helvídia Leite e Iva Mendes. Depois, de Ilnah Secundino, Eolo César de Oliveira, Heitor Stokler e Rodrigo Júnior. A crítica construtiva de Andrade Muricy foi por demais relevante, afirma. Helena ressalta que, ao longo de seu caminho de poesia, sempre encontrou compreensão e apoio de escritores ilustres, amigos, colegas, alunos, e explica que, se não os cita, é “para não incorrer em erro de omissão” (KOLODY, 197-, p. 9). A crítica de Muricy tocou no aspecto essencial de sua obra, ao observar que, nos poemas breves, Kolody conseguia atingir uma maior concentração verbal dizendo muito em poucas palavras.

O fazer poético na poesia de Kolody remete à afirmativa de Octavio Paz, quando diz que as experiências do poeta não são feitas de ideias ou de sensações, mas de “ideias-sensações” que se manifestam no interior do poeta e são, “por natureza, evanescentes”. A linguagem, em um primeiro instante, assimila aquelas sensações, depois as fixa, as transforma e as reinventa. O poeta repete a operação do que viu e sentiu de maneira muito mais complexa e aprimorada (PAZ, 1991, p. 19). Dessa maneira, “o poeta, ao nomear o que sentiu e pensou, não transmite as ideias e sensações originais: apresenta formas e figuras que são combinações

rítmicas nas quais o som é inseparável do sentido” (PAZ, 1991, p. 19). Tais formas e sentidos geram sensações e ideias-sensações semelhantes, mas não similares às da experiência primordial vivenciada pelo poeta. Por isso, no dizer de Paz (1991, p. 19), “o poema é a metáfora do que o poeta sentiu e pensou. Essa metáfora é a ressurreição da experiência e sua transmutação”.

Para Kolody, o poema surge das impressões apreendidas, as quais vão se acumulando no inconsciente. O haicai *Pereira em flor* é um exemplo do lirismo kolodyano:

De grinalda branca,
Toda vestida de luar,
A pereira sonha.
(KOLODY, MS – VE, 1999, p. 189)

Os versos do poema trazem a personificação da pereira, tal qual noiva, a sonhar. Essa imagem compõe uma tela de singular beleza. A luz da lua marca a noite, que embala o sonho de toda jovem pereira. Elogiado por Carlos Drummond de Andrade, esse haicai alude ao caráter efêmero da existência. Helena Kolody descreve como surgiu o poema:

Eu morava na Rua Carlos de Carvalho. Uma noite, ao sair da casa de uma amiga, dei com aquela pereira completamente florescida, banhada pela luz da lua cheia. A beleza do quadro foi um impacto na minha sensibilidade. Fiz o poema bem mais tarde. Associei a pereira com a noiva: a noiva toda vestida de branco, sonhando, como a pereira ao luar (KOLODY, 1986, p. 22).

No que diz respeito ao ato criador de Helena Kolody, pode-se dizer que ele é um processo que se operacionaliza de maneira organizada, através das observações atenta da natureza com o mundo circundante vivenciado pela poeta.

Os poemas kolodyanos parecem surgir de uma inquietação interior, da luta constante com as palavras a que todos os poetas estão submetidos, tal como afirma Carlos Drummond de Andrade: “Lutar com palavras/ é luta mais vã./ Entanto lutamos/ mal rompe a manhã” (ANDRADE, 1998, p. 182). Para o poeta, as palavras têm o poder de cristalizar o momento nascente de um projeto estético, no qual sua atitude é de combate, de luta com as palavras precisas, ou seja, não há hora demarcada para se travar a luta corporal. São versos que mostram um alto teor de concentração verbal, rigor e concretização de um pensamento capaz de (re)inventar mundos imaginários. Mesmo que tal luta pareça frívola, ao poeta compete a tarefa de realizar a “poesia da vida”.

Helena Kolody – herdeira da uma tradição modernista e poeta da modernidade – procura constantemente no cotidiano a matéria de sua lírica, a realidade entrelaçada à maneira de compor as relações entre poesia e vida. Em relação ao cotidiano e à lírica, Solange Fiuza Cardoso Yokozawa tece o seguinte registro sobre tal procedimento na obra de Mario Quintana, assinalando que

[...] o poeta não reproduz o olhar automatizado que lançamos sobre a vida de todo dia. Trata-se de um olhar que reinventa o cotidiano. Nessa reinvenção, o poeta recorre muita vez ao humor, a uma ironia sutilíssima, de modo a apresentar uma visão desestabilizadora da vidinha diária aparentemente estabilizada, das verdades assentadas do senso comum, ou ainda dos valores estabelecidos pela tradição literária. O cotidiano também é muita vez reinventado em flagrantes poéticos originais que lembram os haikus japoneses (YOKOZAWA, 2000, p. 55).

Assim, pode-se inferir que há, tanto na obra de Kolody quanto na de Quintana, o olhar projetado no cotidiano e nas suas reinvenções, em suas transmutações da realidade convertidas em matéria verbal capaz de refletir e de dar novos direcionamentos à vida e à arte, como bem lembra Paulo Leminski, ao comparar a obra de Kolody à de Quintana.

Cumprе lembrar que Kolody, já em sua primeira obra, *Paisagem interior*, demonstra uma tendência para a poesia sintética, pois nesta aparecem três haicais publicados que remetem à “poesia-síntese” de origem japonesa. Em relação à arte do haicai, Kolody declara:

Os literatos e os críticos simplesmente ignoraram essa poesia que ninguém, ainda, estava fazendo no Paraná. No entanto, meus alunos, alunas principalmente, decerto porque eram muito jovens, e os jovens adoram novidades, gostaram muito. Tanto que a turma de 1943, se não me engano, ofereceu-me, como presente de aniversário, seis quadros, em pergaminho, com ilustrações dos três ‘hai-kais’ de *Paisagem interior*: três quadros de Guido Viaro e três iluminuras de Garbácio. Meus alunos sempre amaram minha poesia; divulgaram-na pelo Paraná afora (KOLODY, 1986, p. 27).

A poeta assinala que a comunicação com outros centros culturais é por demais relevante. Ela destaca que foi através do *Jornal de Letras* e da correspondência com a escritora paulista Fanny Dupré que teve conhecimento do poema miniatural japonês.

Já os haicais de Kolody registram momentos privilegiados na percepção da paisagem do mundo e/ou da realidade comum. Os poemas são marcados pela brevidade e pela concentração intensa de uma linguagem esteticamente organizada. Neles, a poeta instaura um jogo de cumplicidades com o leitor. No olhar do poeta e do leitor, a linguagem ganha contornos e se torna “poesia-revelação”. Nesse sentido, a poesia kolodyana opera como “caminho-síntese” de uma tensa jornada em busca do eu-outro-cosmo. Daí a relação e

valorização da natureza circundante e a serenidade a sublimar. Para a poeta Alice Ruiz, “Helena nos mostra, como um mestre zen, que a poesia está nas coisas, é só acertar o olhar”, pois “poesia não é perfumar a flor. Poesia é o perfume da flor. Tal como a poesia de Helena Kolody” (RUIZ *apud* VENTURELLI, 1995, p. 50-51). Com admiração confessa por sua cúmplice em poesia, Ruiz declara que recebeu, juntamente com Helena Kolody, a outorga de nome haicaísta em 1993. Afirma ainda:

Vivi, com Helena Kolody, a maior homenagem que meu coração de poeta já recebeu. O nome de haicaísta, tradicionalmente dado pela comunidade nipônica aos que se destacam nesta poesia, nos foi outorgado na mesma cerimônia, em 13 de junho de 1993. Talvez, pela primeira vez, para duas ocidentais. Homenagem ainda maior por ter sido ao lado de nossa poeta mais amada. Ela, Reika e eu, Yuuka. O Ka dos dois nomes significa flor. Os prefixos Rei e Yuu são adjetivos/virtudes específicas da flor. Ambos apontam para formas de grandeza. Superlativos para quem pratica a poesia mínima. [...] Helena é mestra desta grandeza desde 1941, quando publicou seus primeiros haikais, até os dias de hoje, num aperfeiçoamento em que espírito e técnica se fundem para deixar em nós, definitivamente, o perfume da mais autêntica poesia (RUIZ *apud* REZENDE, 1997, p. 15).

Em suas três primeiras obras, Kolody se encaminha cada vez mais para a poesia intimista, confessional e autoindagadora, em que predomina o subjetivismo, a introspecção e o “mergulho” no mundo interior, no qual o eu-lírico vai se desdobrando em imagens, deixando transparecer uma consciência de mundo projetada na questão pessoal e social. A partir de *Vida breve*, verifica-se, ainda mais, a condensação e a síntese, que será a marca atual de sua poesia, ou seja, ocorre uma “progressiva essencialização” (MURICY, 197-, p. 6) em sua obra, consoante afirmativa de Andrade Muricy. Em relação à evolução de sua poesia, Helena Kolody declara: “Minha poesia foi crescendo no sentido da síntese. No meu primeiro livro há poemas com três páginas, eu me derramava muito nas palavras. Hoje busco a síntese para traduzir o pensamento. Os meus melhores livros são aqueles em que digo muito em poucas palavras” (KOLODY *apud* JORNAL..., 1985, p. 5).

Entre os primeiros críticos a apresentar a poesia Helena Kolody estão Rodrigo Júnior e Andrade Muricy. A poeta teve orientação muito especial de Andrade Muricy. Ela declara que, em sua formação escolar, seu contato era com textos literários simbolistas e parnasianistas, e que chegou à literatura modernista através da obra *A nova literatura brasileira*, de Andrade Muricy. “Por ser amigo de meus amigos, ele me ofereceu o livro e para mim foi uma descoberta. Eu não conhecia nenhum daqueles autores, porque nada do que eu lia ia além de Olavo Bilac” (KOLODY *apud* VENTURELLI, 1995, p. 27). Kolody afirma ainda que o crítico Muricy lia seus textos, mas “não mexia no que a gente escrevia. [...] Uma vez ele me

falou: ‘reparei que você chega mais ao objetivo nos poemas curtos. Você tem talento para a síntese. Os seus poemas mais breves são os melhores’” (KOLODY *apud* VENTURELLI, 1995, p. 20).

Consoante as afirmações de Helena Kolody e a evolução de sua obra, nota-se que ocorre um “enxugamento” dos textos na lírica kolodyana, encaminhando-se cada vez mais para um estilo direto, privilegiando a economia dos meios de expressão. A poeta realiza um fazer poético marcado por uma linguagem densa, sutil, registrando o instantâneo, o fugaz e as coisas mais simples. Tal como o tecelão que vai escolhendo os fios e emaranhando-os no tear, Kolody constrói seus poemas – tecidos de palavras – com precisão e arte.

Os poemas kolodyanos possuem uma relação de sentido que os mantêm interligados a uma constante temática: a construção do poema, o fazer poético e o uso de seu material, discutindo o valor das palavras, frases, linguagem, as dificuldades encontradas pela poeta na construção de seus poemas. Nota-se, também, a tentativa de Kolody em transpor muros e barreiras através do trabalho da linguagem, tendo em vista a livre expressão de seus anseios e desejos.

Como já afirmamos, Helena Kolody surge para a poesia brasileira na década de 40, com *Paisagem interior*, que reúne textos escritos na década anterior², numa época pautada pela desilusão com o presente sem visão de perspectivas, num contexto social marcado por falta de liberdade, crises das democracias liberais, ditadura, tortura, falta de liberdade e pela Segunda Grande Guerra. É nesse contexto que surge a geração de 45. A poesia kolodyana, publicada na década de 40, revela uma obra repleta de símbolos de descrença, mostrando o mundo submerso, a preocupação com o presente, com a violência de sua época, tal como a Segunda Guerra Mundial, que não permitia que os jovens de 45 vivessem despreocupados. Esse panorama histórico e social sombrio se reflete na fase inicial da poesia de Kolody.

A escritora Maria Lúcia Pinheiro Sampaio, em *História da poesia modernista*, afirma que a geração de 45 nasceu oprimida pelo Estado Novo, pelas ameaças de prisão, exílio e tortura, desesperançada com a falta de perspectiva em relação ao presente. Assim, a fase dos anos 40 é marcada pela seriedade, pelas preocupações políticas, pela angústia, pela descrença no presente, pelo medo, pela hostilidade a 22, pela recuperação dos valores do passado (SAMPAIO, 1991). Para a autora, a geração de 45 conseguiu o equilíbrio entre o social e a elaboração requintada do poema. Entre as características da geração de 45 estão, entre outras,

² RUMO paranaense, [197-], p. 9. Em entrevista a essa Revista, Helena Kolody afirma: “Hesitei muito antes de publicar *“Paisagem Interior”*, livro que reúne poemas escritos no decurso de 10 anos. Um profundo pudor de alma impedia-me de desnudar ao público as expressões de minha vivência, pois os poemas eram a confissão de meus sentimentos e de minhas ideias” (p. 9, grifo nosso).

o primado da forma, a preocupação com o fazer poético e com a linguagem. Essa geração recriou artisticamente o contexto histórico de 40, com suas perplexidades e tensões. (SAMPAIO, 1991). Sampaio observa que a geração de 45 cultivou os temas eternos da poesia, bem como os temas considerados antipoéticos pela poesia clássica. Com relação à linguagem de 45, não há uma uniformidade. A linguagem despojada, precisa, exata, sem ornamentos, é uma das características marcantes da geração de 45 (SAMPAIO, 1991).

Em relação ao perfil de uma geração, Sampaio destaca que o diálogo com os mestres do passado iniciado em 30 se intensifica em 45, e os integrantes da geração buscam sua inspiração na tradição clássica da poesia, mesclando o passado com o presente e criando novos ritmos e formas, inovando a poesia brasileira que segue a trajetória normal de sua evolução. No dizer da autora, não há uma radicalização para o social, mas a coexistência de vários tipos de poesia, que está centrada em temas existenciais e comprometida com o social. Presente na maioria dos poetas de 45, a temática social é tratada de forma diferente pelos poetas (SAMPAIO, 1991).

A visão de mundo do sujeito e a pluralidade de temas dão configurações próprias às obras de Kolody, inseridas na tradição, na universalidade e no testemunho amoroso que direciona para o “espetáculo do mundo”, cuja contemplação reconduz ao amor e à poesia em um mundo aprazível aos sentidos. É por isso que a melhor forma de “testemunhar a contemplação” é, no dizer de Darcy Damasceno, “fazer do mundo matéria de puro canto, apreendendo-o em sua inexorável mutação e eternizando a beleza perecível que o ilumina e se consome” (DAMASCENO, 1983³, p. 17).

Na poesia de Helena Kolody, verifica-se a constante preocupação da poeta em relação à poesia sintética, condensada, pois, no trabalho de criar e “recriar” os poemas, a autora dá provas de que sua poesia é uma constante busca da palavra essencial. O universo poético de Helena Kolody se apoia nos aspectos lúdicos, rítmicos e imaginários da linguagem, cuja função poética funciona como um vetor constitutivo da natureza humana. É pela palavra que a poeta se lança no plano expressivo e transforma sua arte em matéria dinâmica, capaz de nomear o mundo, com uma linguagem que tem o poder de “conter a surpreendente variedade do real”, isto é, que abre múltiplos espaços de “comunicação e de nominação dos objetos” (GONZÁLES, 1990, p. 156-157), no dizer de Gonzáles.

Pode-se concluir que a construção poética e o projeto estético kolodyano, enquanto busca do essencial, residem nos procedimentos e nas formas escolhidas, nos ritmos, no

³ Ensaio intitulado “Poesia do sensível e do imaginário”, no qual o autor analisa a obra de Cecília Meireles.

enxugamento dos textos. Assim, seus poemas sintéticos registram o teor de modernidade e contemporaneidade. Na poesia de Kolody, verifica-se a preocupação do eu poético em relação à elaboração precisa da linguagem, registrada na maneira de interpretar o mundo e as coisas. Tais procedimentos poéticos e estéticos de Helena Kolody se concretizam de maneira harmoniosa, contexto em que prevalece a síntese, a economia dos meios, a linguagem singela e vigorosa, as imagens e os símbolos. Com sua maneira própria de atuação, a poeta apresenta o ato criador como um exercício e comprometimento perante a vida e a arte. Por meio da efetivação de um pensamento capaz de reinventar universos imaginários, Kolody elabora uma poesia essencial, singela, lúdica e, acima de tudo, participativa e reveladora da condição humana.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de (Org.). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. *RUMO paranaense*, Curitiba, [197-].
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção ensino superior).
- DAMASCENO, D. Poesia do sensível e do imaginário. In: MEIRELES, C. *Flor de poema*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983. (Coleção poiesis).
- GONZÁLES, J. *El cuerpo y la letra: la cosmología poética de Octavio Paz*. México/Madrid/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- JORNAL do livro, Curitiba, n. 7, p. 4-5, abr./ jun. 1985.
- JOZEF, B. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- KOLODY, H. *Viagem no espelho*. 5. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.
- _____. *Reika*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: Ócios do ofício, 1993 (Série Buquinista).
- _____. *Helena Kolody: um escritor na Biblioteca*. Curitiba: BPP/SECE, 1986.
- _____. *Sempre palavra*. Curitiba: Criar Edições, 1985.
- _____. *Vida breve*. Curitiba: 1964.
- _____. *A sombra no rio*. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1951.
- _____. *Música submersa*. Curitiba: 1945.

_____. *Paisagem interior*. Curitiba: 1941.

_____. *RUMO paranaense*, Curitiba, p. 9, [197-]. (Entrevista a Valfrido Piloto).

LEMINSKI, P. Santa Helena Kolody. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 jun. 1985, p. 11.

MARTINS, W. Poetas do Paraná. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1994. Ideias. p. 4.

MEIRELES, C. *Flor de poema*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983. (Coleção poiesis).

MURICY, J. C. de A. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

_____. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*: Livraria do Globo: Porto Alegre: 1936.

_____. Carta a Helena Kolody. *RUMO paranaense*, Curitiba, ano II, n. 35, p. 4. nov. [197-].

NETO, M. S. Um estado de síntese (II). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 04 nov. de 1996.

PAZ, O. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. [Trad. Moacir Werneck de Castro]. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

RUIZ, A. In: REZENDE, T. H. de. (Org.) *Sinfonia da vida: Helena Kolody*. [Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende]. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná/Letraviva, 1997, p. 15.

_____. Opiniões da crítica. In: VENTURELLI, P. (Org.). *Helena Kolody*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995, p. 50-51.

RUMO paranaense, Curitiba, ano II, n. 35, p. 1-14, nov. [197-].

SAMPAIO, M. L. P. *História da poesia modernista*. São Paulo: João Scortecci Editora, 1991.

SAMWAYS, M. B. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: HDV, 1988.

REZENDE, T. H. de. (Org.) *Sinfonia da vida: Helena Kolody*. [Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende]. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997.

TEIXEIRA, H. C. Poemas do Paraná. *Diário popular*. Curitiba, 1 ago. 1977, p. 17.

VENTURELLI, P. (Org.) *Helena Kolody*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995.

YOKOZAWA, S. F. C. *A memória lírica de Mário Quintana*. Porto Alegre: UFRG, 2000. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.